

## Breves considerações sobre o papel de Pierre Monbeig na formação do pensamento geomorfológico uspiano

*Brèves considérations sur le rôle de Pierre Monbeig dans l'élaboration de la pensée géomorphologique uspiana*

*Brief observations on Pierres Monbeig's role on the formation of uspian geomorphological thought*

**Antonio Carlos Vitte**

[Resumo](#) | [Índice](#) | [Mapa](#) | [Texto](#) | [Bibliografia](#) | [Notas](#) | [Ilustrações](#) | [Citação](#) | [Autor](#)

### Resumos

[Português](#)[Français](#)[English](#)

Esse trabalho argumenta que o pensamento geomorfológico uspiano desenvolveu-se a partir das reflexões de Pierre Monbeig. Nesse processo, a noção de complexo geográfico, definido a partir de uma relação entre a Cultura e a Natureza ao longo da história material da sociedade, permitiu compreender o relevo como arquitetura necessária ao desenvolvimento da história territorial de uma região. A influência direta desse postulado é a obra de Aziz Nacib Ab'Saber, onde se organiza a geomorfologia geográfica uspiana e que marcará a interpretação do relevo brasileiro, em termos de recursos analíticos, epistêmicos e metodológicos

[Topo da página](#)

### Entradas no índice

#### Index de mots-clés :

[Pierre Monbeig](#), [Histoire de la géographie](#), [géomorphologie](#), [Aziz Ab'Saber](#), [géographique complexe](#), [l'histoire territoriale](#)

#### Index by keywords :

[Geomorphology](#), [Pierre Monbeig](#), [History of geography](#), [Aziz Ab'Saber](#), [Geographical complex](#), [Territorial history](#).

#### Índice de palavras-chaves :

[Pierre Monbeig](#), [História da geografia](#), [Geomorfologia](#), [Aziz Ab'Saber](#), [Complexo geográfico](#); [História territorial](#)

### Mapa

[O contexto intelectual de Pierre Monbeig.](#)

[Pierre Monbeig: o meio natural e o relevo.](#)

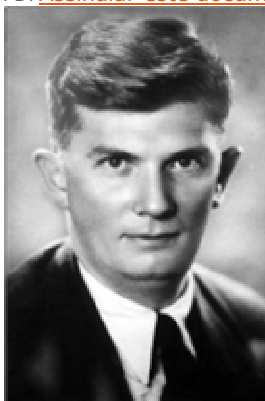
[Pierre Monbeig e a construção da geomorfologia geográfica na USP.](#)

[Considerações.](#)

[Topo da página](#)

### Texto integral

PDF [Assinalar este documento](#)



[Visualizar a imagem](#)

1O objetivo do presente trabalho<sup>1</sup>, é discutir a contribuição de Pierre Monbeig ao desenvolvimento da geomorfologia geográfica "uspiana" (desenvolvido na Universidade de São Paulo, USP). Pierre Monbeig (1908-1987) que assumiu a cátedra de Geografia na USP em 1935, é um marco importantíssimo para a formação da geomorfologia geográfica na USP, particularmente desenvolvida por Aziz Nacib Ab´Saber. Monbeig não apenas desenvolveu uma metodologia de pesquisa própria e que caracterizaria a geografia urbana uspiana, como também introduziu a jovem geração de geógrafos da USP nas mais modernas formas de se interpretar o relevo e sua evolução nas regiões tropicais quentes e úmidas.

## O contexto intelectual de Pierre Monbeig.

2Na obra "Turista Aprendiz", Mário de Andrade nos diz que a viagem é uma revelação, é um momento intercultural, que envolve a descoberta, a curiosidade, as imagens e os itinerários e, que nunca, como viajantes, estamos no final, mas sempre abrindo caminhos e nossa bagagem sempre será diferente em cada viagem (Andrade, 1993). Acreditamos ser essa uma boa imagem para trabalhar o intelectual, o professor e o mestre Pierre Monbeig (1908-1987), figura ímpar na e para as Ciências Sociais e para a Geografia Brasileira, em particular.

3Segundo Dantas (2005), Pierre Monbeig nasceu em 1908 e concluiu seus estudos superiores na década de 20. Monbeig foi aluno de Emmanuel de Martonne (1873-1955) e Albert Demangeon (1872-1940), e bastante influenciado por Jean Brunhes (1869-1930).

4Emanuel de Martonne, eminente geógrafo, genro de Paul Vidal de La Blache e responsável pela organização e publicação post-mortem do livro "Princípios de Geografia Humana" de La Blache, exerceu forte atividade científica e política na universidade francesa, sendo um dos grandes responsáveis pela cientificidade da geografia moderna e por seu reconhecimento enquanto campo científico e experimental necessário à nação francesa.

5O seu início de carreira foi como professor de história e geografia (1895), doutorando-se em letras em 1902. Foi nomeado professor da Sorbonne em 1909 e assumiu a direção do Instituto de Geografia da Universidade de Paris em 1927. Em 1909 publicou o livro "Traité de Géographie Physique", que teve sucessivas edições, tornando-se um clássico e exercendo força paradigmática nas pesquisas e na organização dos currículos de geografia no mundo e, em especial no Brasil. Particularmente no que diz respeito à geomorfologia, nesse livro, de Martonne recebe forte influência do "Ciclo Geográfico da Erosão" de Davis (1899), realizando uma leitura francesa desse modelo antropomórfico do relevo, que seria importante na sua interpretação do relevo do Brasil nos trabalhos de 1933 e 1944-45 e, que marcaria a entrada da teoria geomorfológica moderna na interpretação do relevo brasileiro (MARTONNE, 1943,1944).

6Esse fato foi possibilitado, pois em 1931, quando ocorreu o Congresso da UGI em Paris, de Martonne, então diretor do Instituto de Geografia da Universidade de Paris, Presidente do Congresso da UGI e Presidente da mesma UGI, entra em contato com o engenheiro-geógrafo Alberto José de Sampaio (Cardoso, 2006).

7Fruto desse contato, em 1933, de Martonne vem ao Brasil à convite da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, discursa para os membros dessa Sociedade, chamando à atenção para o caráter científico da Geografia e de suas potencialidades na resolução de problemas de ocupação do território (Cardoso, 2006).

8Com essa visita, de Martonne viabiliza a contratação de professores franceses recém-doutores ou em fase final de doutoramento, como Pierre Deffontaine, Pierre Monbeig e Francis Ruellan, que teriam a incumbência de instalar e desenvolver cursos de geografia científica nas recém criadas universidades, a FFLCH-USP e a UDF no Rio de Janeiro.

9Albert Demangeon ingressou no curso superior em 1892, assim como De Martonne, foi aluno de La Blache, recebeu agregação 1895 e data de 1905 o primeiro trabalho de sua autoria sobre a geografia regional francesa. Em 1911 ingressou na Sorbone e se orienta para a Geografia Humana. Em 1920 começa a se interessar pelo folclore e pelo habitat rural, que o leva a estudar os problemas econômicos e políticos do mundo. Conjuntamente com o historiador Lucien Febvre, em 1929, funda os *Annales d'histoire économique et sociale* e participa ativamente de livros escritos por historiadores.

10Para Demangeon (1952), o objeto da geografia humana seria o estudo dos agrupamentos humanos em suas relações com o meio geográfico. Sendo esse, mais compreensivo que o de meio natural, pois para Demangeon, não englobaria apenas as influências naturais, mas também a influência do homem sobre a natureza. Entenda-se Homem como coletividade, como sociedade, objeto de preocupação da geografia humana. O que torna o meio geográfico complexo, e, depende do estágio

civilizatório em que a sociedade se encontra, dependendo também do grau de coesão social, da solidariedade social e da organização da família, que exerce ação sobre uma base territorial.

Um dos painéis da exposição *Espaços-tempos do Brasil*, organizada na ocasião do Ano da França no Brasil, em 2009

**FRANÇA-BRASIL: 150 ANOS DE COOPERAÇÃO**

# Pierre Monbeig

**As viagens de Pierre Monbeig**

1942 1944 1963 1972 1974 1979

A historiografia clássica de "homem forçado a escolher", a imagem mais conhecida de Pierre Monbeig, formada na Sorbonne em geografia e história entre 1927-1934, foi contestada como professor para ocupar o departamento de geografia na recém criada Universidade de São Paulo, onde passou 11 anos, de 1935-1946. Monbeig foi o representante da grande experiência científica da época entre França e Brasil, dando profundidade às pesquisas de campo, à classificação dos fenômenos geográficos e à cartografia das formas.

Esta atividade universitária conduziu ao título de uma grande geografia regional que procurava sintetizar tudo que há de particular em cada região e explicar as relações entre as sociedades humanas e a natureza física.

A herança de Pierre Monbeig está sendo reconstruída tanto no Instituto de Altos Estudos de América Latina (IEAL), criado em 1990, hoje integrado à Paris 3 Sorbonne Nouvelle e cuja biblioteca recebe o seu acervo, quanto na pesquisa geográfica que prossegue com os estudos de fronteiras pioneira do Acadêmico Espaço (GEFAMAZ).

Fonte: baseada em: um mapa de Pierre Monbeig e um mapa de Daniel Théry.

**Galáxia intelectual de Pierre Monbeig**

FORMADORES: HISTÓRIA (R. Roussier, E. Fribourg, M. Bouché), SOCIOLOGIA (E. Durkheim), GEOGRAFIA (Vidal de la Blache), ECONOMIA (B. Guillemin), ETNOLOGIA (A. Malinowski).

CONTEMPORÂNEOS: F. Braudel, C. Lévy-Strauss, J. M. Martin, C. Lévy-Strauss, C. Lévy-Strauss.

SUCESORES: E. Morin, B. Malinowski, A. Todorov, I. Vidal, D. Vidal, M. J. Oliveira, H. Théry, E. Lévy, E. de Souza, M. D. S. Costa, C. B. de Souza, B. Adorno.

**OS ESPAÇOS - TEMPOS DO BRASIL**

França.Br 2009

Ampliar Original (png, 394k)

11 Outra característica importante citada por Demangeon (1952) é quanto ao aspecto metodológico. Para o autor, a geografia humana não deve trabalhar com causalidade simples, pois o meio geográfico é complexo, multiescalar e os elementos trabalham em mútua combinação. Para isso, é necessário que o geógrafo tenha em mente a história, pois há uma evolução do meio e é necessário a pesquisa histórica em jornais, arquivos e em entrevistas, para captar a mudança.

12 Demangeon estudou com muito interesse e afincado a Inglaterra e seu sucesso econômico, o que o levou a preocupar-se com o papel das redes de circulação e o comércio no desenvolvimento econômico de uma nação. Essas características intelectuais de Demangeon exerceram forte influência intelectual em Pierre Monbeig e que seria fundamental para sua estada no Brasil (1935-1946). Uma das influências imediatas de Demangeon em Monbeig no Brasil foi a definição das vias de circulação e das

redes na construção da história territorial de São Paulo, arquétipo interpretativo para um Brasil em constante movimento de modernização e expansão territorial.

13Jean Brunhes recebeu sua agregação em história e geografia em 1892, tendo lecionado em Friburgo na Suíça de 1896 a 1912, sendo que a partir dessa data foi professor de geografia humana no *Collège de France*. Dono de posições políticas, era democrata e politicamente engajado, epistemologicamente contestava muitos primados da geografia oficial. Sua obra "Princípios de Geografia Humana" é publicada em 1910 e reeditada em 1912 e 1925. Para Brunhes, que estudou com Ratzel foi fortemente influenciado pela "Antropogeografia" e pela filosofia de Bergson (1859-1941), a geografia humana deveria primeiro preocupar-se com o produto de trabalho humano. Para Brunhes, o escopo epistemológico é a relação Homem-Natureza, mas o objeto é o trabalho humano e a transformação da paisagem. A unidade básica de análise da Geografia é o fenômeno, que deve ser individualizado, que apresenta uma origem e uma evolução, que ao longo do tempo torna-se complexa e pode revelar a dimensão social, econômica, estatística e psicológica do processo de construção do meio geográfico (Buttimer, 1971).

14Para Brunhes, a classificação de um fenômeno geográfico deve levar em consideração a sua complexidade, que serve para auxiliar as investigações geográficas. Estas devem ser holísticas, integradas e fundamentadas em muito trabalho de campo. Trabalhando com Camille Vallaux (1870-1945), ao discutir o papel da política e da economia nos estudos geográficos, sintetizou a sua concepção de geografia social, o que o levou a considerar o papel das organizações sociais nos estudos geográficos (Brunhes e Vallaux, 1921).

15Influenciado pela filosofia de Bergson, pela antropogeografia de Ratzel, assim como pela história e pela sociologia com a noção de civilização, pelo conceito de organização social de Daryll Forde expresso no livro "Habitat, Economy and Society" (Buttimer, 1971:66), mais o trabalho de "Franja Pioneira" de Bowman (Buttimer, 1971:66), levarão Jean Brunhes a reconhecer o papel das mentalidades na pesquisa geográfica e a retrabalhar a noção de *complexo geográfico* desenvolvido originalmente por Ratzel.

16Sob o ponto de vista histórico e epistemológico, podemos situar a fase em que Monbeig ingressa na universidade, como que marcada fortemente pelos trabalhos de Darwin e pelo neolamarckismo, mas também por intensos desenvolvimentos da física com a relatividade de Einstein, da matemática, da Teoria do Ciclo Geográfico da Erosão de William Morris Davis, pela filosofia de Bergson, que com seu intuitivismo influenciou gerações de pensadores (Buttimer, 1971).

17É o momento de consolidação da Escola de Viena, mas também de maturação das ciências sociais e da história, com Durkheim, Weber, Pareto, Maus, Manilowski. Mas também é o momento de invenções técnicas que irão revolucionar a percepção e a cognição do mundo, invertendo muitas escalas e centralidades interpretativas. É o caso do desenvolvimento da fotografia, da fotografia aérea, da cartografia. Sob o ponto de vista sociológico, o momento é marcado pelo papel da memória e da história oral como fontes científicas de pesquisa e interpretação da realidade (Claval, 1984).

18Pierre Monbeig é um geógrafo do entre-guerras. Essa situação é muito particular, pois no momento de sua formação, havia claramente um forte debate sobre o papel das coletividades na explicação geográfica; além das pesquisas histórico-sociológicas que privilegiava a percepção e a memória como elementos importantes para a análise geográfica. Não devemos deixar de ressaltar, que durante sua formação, os durkheimianos controlavam a vida intelectual e política da universidade francesa, onde o tema das representações coletivas, além da solidariedade social e da família, era fundamental em uma análise social.

19No Brasil, o jovem Pierre Monbeig desembarca em 1935, com Fernand Braudel, este já influenciado por La Blache e Ratzel (Lira, 2008) e Claude Lévi-Strauss. Pierre Monbeig tem a missão de substituir Pierre Deffontaines, mestre de Brunhes, que estava no Rio de Janeiro estruturando o curso de Geografia da antiga Universidade do Distrito Federal, atual UFRJ (Ab'Saber, 1994).

20É o início da era Vargas, momento pré-Estado Novo, onde o Estado vinha lentamente assumindo importante papel na *revolução passiva* (Vianna, 1997) em que o mito bandeirante será utilizado a partir de 1937, como símbolo impulsionador da nação agora moderna. Devemos lembrar que desde a década de 20, intelectuais, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, dentre outros, debatem as propostas de construção da nação brasileira e, em 1936 é publicado Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, obra de referência para a historiografia paulista em que a fronteira e os bandeirantes são simbólicos para a nova nação em construção.

21 É um momento particular e ímpar para a história social e da inteligência brasileira, que viu nascer Macunaíma de Mário de Andrade, mas já tinha presenciado o aparecimento da obra Juca Mulato de Menotti del Picchia, a figura do Jeca Tatu de Monteiro Lobato, sem falar na música e no folclore com os trabalhos e pesquisas de Mário de Andrade, Câmara Cascudo e Heitor Vila Lobos.

22 É o momento em que o mito da terra, inserido em uma concepção espacial e geográfica toca diretamente o debate da inteligência nacional, no sentido de buscar a construção a nação e da identidade nacional. Ao mesmo tempo, o Brasil torna-se cada vez mais urbano, com um operariado questionador da ordem oficial, com revoltas de tenentes, com a coluna Prestes e com um país marcado pela dialética litoral – sertão, mediados por uma revolução, a de 1930 e muito próximo por uma ditadura, que devemos inserir Pierre Monbeig no Brasil, donde, desse cadinho, irão fervilhar conceitos, propostas e acima de tudo, a reinvenção dos postulados da geografia francesa, uma vez que como formuladas originalmente, não permitiam a compreensão de uma país periférico como o Brasil, mas em constante transformação.

23 Dentre os geógrafos-intelectuais brasileiros fortemente influenciados por Monbeig, podemos citar Aziz Ab'Saber (Ab'Saber, 1994; 2007), Manuel Correia de Andrade (Andrade, 1991; 2000), Pasquale Petrone (Petrone, 1994) e Antonio Candido (Candido, 1987; Ramassote, 2008), que aliás em sua obra "Parceiros do Rio Bonito", recebe marcadamente influência de Monbeig, Brunhes e Sorre.

## Pierre Monbeig: o meio natural e o relevo.

24 Pierre Monbeig não se dedicou especificamente à geografia física ou à geomorfologia. Como geógrafo formado na tradição possibilista e dotado de extrema sensibilidade e curiosidade científica, pode articular as características da natureza aos estudos geográficos no mundo tropical, onde o estado Varguista articulava o mito bandeirante para justificar a modernização e a expansão territorial.

25 No entanto devemos destacar o capítulo "Os problemas da divisão regional em São Paulo", constante no livro "Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira" de 1957. Nesse capítulo, influenciado pelo congresso da AGB de Lorena, realizado em 1946, Monbeig questiona o papel da divisão regional fundamentada em aspectos físicos do relevo.

26 Pierre Monbeig deixa claro à sua concepção de geografia física e da complexidade do relevo paulista, quando na página 126-7 chama à atenção para o padrão complexo devido ao fato de São Paulo estar situado em uma zona de contato e de transição de unidades geomorfológicas, vegetacionais e climáticas. Na página 127, firma sua concepção de espaço natural "... é uma parte da superfície da Terra no interior da qual os diferentes elementos físicos e biológicos, em ação recíproca e inseparáveis, constituem uma unidade" (Monbeig, 1957:127). Para Monbeig, cabe ao geógrafo preocupado com o relevo, realizar a *delimitação espacial* da região natural e explicar os mecanismos que interferem em sua constituição, que por si só, é um complexo geográfico.

27 Portanto, naquele tempo, havia um problema de método geomorfológico. Ou seja, que parâmetros considerar para a análise geomorfológica? E como torná-la geográfica?

28 Para o autor, um *complexo geográfico* de fato, realiza-se quando o geógrafo consegue reconhecer os mecanismos das ações e interações entre o meio físico e biológico e as ações da sociedade humana, nesse *complexo*, tornando-o um *meio geográfico*, objeto do geógrafo, seja ele preocupado com a natureza ou com a sociedade.

29 Muito embora aluno de De Martonne e Baulig, Monbeig não se prendeu ao raciocínio cartesiano da separação e da fragmentação da análise geográfica, como seus mestres. Antes, para Monbeig, a noção de *complexo* e de *combinação* é fundamental para uma análise da natureza, da geomorfologia, assim como para uma análise da sociedade. Há assim, um rompimento epistemológico e metodológico com os mestres geomorfólogos, pois Monbeig não consegue conceber o relevo como independente, mas antes, como produto de uma complexa interação entre a Cultura e a Natureza ao longo dos tempos, que interfere diretamente na distribuição antropológica e espacial das comunidades e da produção econômica.

30 Essa posição será fundamental para a definição da futura pesquisa geomorfológica na USP, tanto que metodologicamente Monbeig em seus trabalhos de campo procurava sempre os setores mais elevados do relevo e que lhe fornecessem uma visão total da paisagem (Ab'Saber, 1994). E que a análise do relevo não estava dissociada da análise biogeográfica, climática, cartográfica e sobre a história territorial (Ab'Saber, 1994), constituindo-se uma possibilidade estética e cognitiva para a construção da geomorfologia geográfica. Nas palavras de Ab'Saber (2007:36), para Monbeig o que importava era a análise do conjunto, o geógrafo deveria ler a paisagem.

31 Em Pierre Monbeig, a geomorfologia geográfica está diretamente associada teórica, metodológica e tecnicamente ao conceito de paisagem, entendida aqui como sinônimo de complexo geográfico, ao longo do tempo histórico.

32 Para Dantas (2005:27) a noção de Monbeig de complexo geográfico ou combinação é derivado diretamente de Vidal de la Blache. De nossa parte gostaríamos de relativizar essa influência direta, pois



sabemos que esse é um conceito ratzeliano (Carvalho, 1998; 2004) e que Ratzel exerceu influência em la Blache e em seus seguidores, como Jean Brunhes (Moreira, 2008), cujo livro "Geografia Humana" foi publicado em três volumes em 1910 e uma edição sintética em 1935. E a exceção de Max Sorre, Brunhes é considerado um dos mais férteis geógrafos pós-Vidal e que exerceu forte influência em muitas gerações de geógrafos franceses. Quanto à *combinação*, de nossa parte não a reconhecemos como sinônimo *decomplexo*, ao contrário, a *combinação*, a nosso ver, expressa a interação e suas modalidades, como muito bem lembrou Cholley, que também exerceu forte influência em nosso geógrafo. Tanto assim que Monbeig deixa claro em suas obras (Monbeig, 1986; Salgueiro, 2005) que em um mesmo espaço natural, assim como em uma mesma frente pioneira, podem conviver diferentes combinações e interações entre a cultura e a natureza, resultando em espacialidades e gêneros muitas vezes diversos entre si.

## Pierre Monbeig e a construção da geomorfologia geográfica na USP.

33Na década de 1930, com o Estado Novo (Sodré, 1987), exacerbava-se politicamente a noção de território, que materialmente fundamenta-se na expansão do capitalismo, através da ação do Estado sobre o espaço regional, viabilizando o processo de acumulação, a medida que se acentua a relação campo-cidade e o setor industrial se desenvolve. É o momento da criação do Código das Águas (1934) em que o Estado Brasileiro procura normatizar o processo de expansão interior do capitalismo, viabilizando a exploração dos recursos naturais. Já na década de 1940 é criado o núcleo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística assim como o Conselho Nacional de Geografia (1937), sendo que ao primeiro coube a realização da primeira divisão regional do Brasil, fundamentada na concepção de espaço natural, em que a vegetação foi utilizada como critério definidor das macro-regiões (Sodré, 1987).

34Genericamente, pode-se dizer que a estruturação científica da geomorfologia no Brasil está muito associada a dois grandes marcos na história política e cultural do Brasil dos anos de 1930, que são de um lado a criação e a institucionalização de várias universidades, destacando-se neste caso a Universidade de São Paulo, USP e já com o Estado Novo (1937-1945) a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que oficialmente terá incumbência de coletar, sistematizar e pensar a questão do território brasileiro, a fim de fornecer elementos analíticos que norteassem as políticas de Estado.

35Especificamente, no que se refere a concepção de elaboração das superfícies erosivas no sudeste brasileiro, a história da geomorfologia registra a influência de duas grandes matrizes epistemológicas. A primeira compreende a década de 1930 e avança até aproximadamente meados da década de 1950, onde o paradigma dominante é o "Ciclo Geográfico da Erosão", elaborado por Davis em 1899.

36Com a criação das universidades serão institucionalizados cursos de Geografia, assim como cursos de engenharia ligados as escolas politécnicas. Nestes cursos serão agregadas em suas grades curriculares a geologia e a geomorfologia, com ensino teórico e prático, que segundo Ab'Saber (1958) foi fundamental para a geração de geógrafos-geomorfólogos que passaram a contribuir para o conhecimento da diversidade da natureza no Brasil e ao mesmo tempo auxiliando na expansão das fronteiras internas do Brasil.

37É marcante a participação de Monbeig na interpretação e na busca de relações entre a teoria do Ciclo Geográfico da Erosão de William M. Davis (1899) e sua concepção de história territorial, a noção de região e o desenvolvimento capitalista e cultural de uma determinada região em análise.

38Esse fato fica muito marcante quando analisamos a tese de doutoramento de João Dias da Silveira, primeira tese de geomorfologia defendida na USP em 1947, em que o pesquisador relaciona na região da Mantiqueira, a história territorial, por meio da relação café, ferrovia, modernidade, com a história de evolução do relevo regional e as características culturais da população. Assim, onde o ciclo geográfico era senil, desenvolvia-se o café, apresentando uma "arquitetura" territorial (cidades, vias de comunicação e ferrovias) bem densa e desenvolvida; por outro lado, onde o ciclo era jovem, o atraso cultural e econômico era marcante aos olhos do geógrafo.

**Exposição organizada na USP na ocasião do centenário do nascimento de Pierre Monbeig**



[Ampliar Original \(jpeg, 472k\)](#)

39Na tese de João Dias da Silveira, intitulada "Estudo geomorfológico dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira". Nesta tese, o autor utilizou uma associação entre a teoria geomorfológica davisiana, com destaque para a situação geomorfológica do canal fluvial, fundamental para definir trechos de juventude, maturidade e senilidade da paisagem, com as características da colonização e ocupação das terras, demonstrando claramente uma forte influência metodológica de Pierre Monbeig (Abreu, 1994; Vitte, 1999).

40Assim, como fruto desta relação ensino-pesquisa, uma nova cognição sobre a natureza no Brasil foi-se formando, agora com um caráter científico e os produtos destas reflexões desaguarão na publicação das mesmas em periódicos e futuramente em teses de doutorado.

41Mas a maior influência de Monbeig e que permitirá o desenvolvimento da geomorfologia geográfica na USP, será em Aziz Ab'Saber, que por influência do método monbeiguiano e de sua concepção de história territorial, será fundamental para a definição do objeto da geomorfologia e de seu método. A primeira influência de Monbeig está na tese de doutoramento de Aziz "Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo", preocupação que atualmente é fundamental para compreendermos e avaliarmos o "meio ambiente urbano", ou o que o próprio Aziz chama atualmente de "metabolismo urbano".

42 A outra influência de Monbeig em Ab'Saber está no fato de que a compartimentação do relevo e sua fragilidade natural no Estado de São Paulo, acabou por condicionar o processo de ocupação e a dinamização da economia regional do Estado. Essa visão regional de relevo, que já havia sido parcialmente apontada por Pierre Denis, influenciou Aziz em seu amadurecimento intelectual, que, somado à sua participação como assistente de Aroldo de Azevedo na cadeira de Geografia do Brasil, mais aos ensinamentos de Kullmann sobre a fitogeografia do Brasil; conduziu-o à formatação da distribuição morfoclimática do relevo brasileiro. E, principalmente, no desenvolvimento de um método de trabalho na geomorfologia (Ab'Saber, 1969) "A geomorfologia à serviço das pesquisas do quaternário", que até hoje constitui-se em tema paradigmático para a análise geomorfológica e a interpretação histórica do relevo.

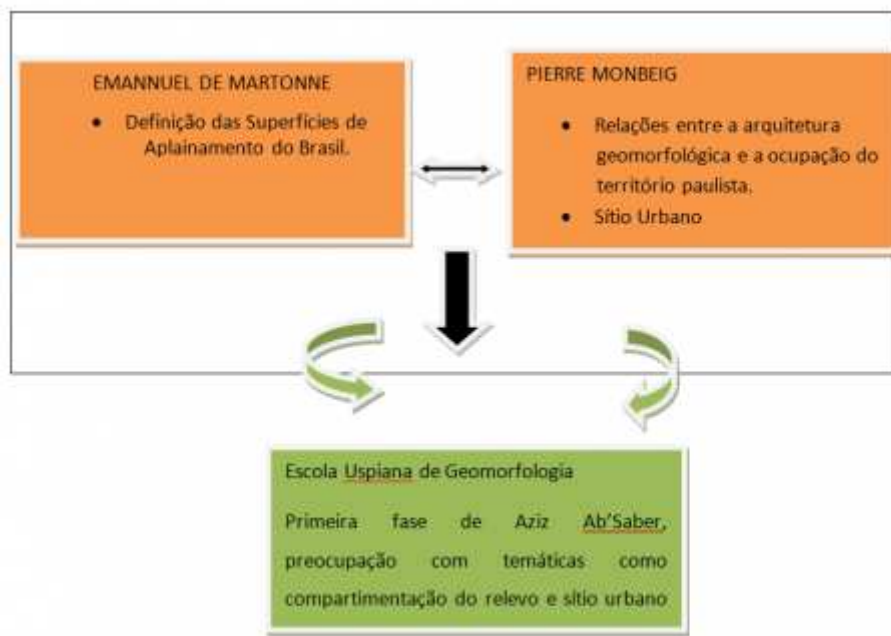
43A participação de Pierre Monbeig na formação do pensamento geomorfológico na USP é fundamental, pois no atual momento em que está havendo forte penetração da modelagem geológica e a redefinição de uma nova cognição de relevo, o impacto de Monbeig e seu sentido de relevo no contexto da análise geográfica, auxilia-nos a repensar o sentido a geomorfologia geográfica no contexto da Ciência Geográfica.

44Some-se aos trabalhos de Martonne no Brasil, seja como professor da Universidade do Brasil ou no IBGE, o papel marcante do professor Pierre Monbeig, que além de dinamizar a AGB irá interferir diretamente na criação da escola uspiana de geografia. Como o próprio professor Aziz Ab'Saber destaca em sua entrevista concedida à revista Geosul, (2001) e no livro "O que é ser Geógrafo"(Ab'Saber, 2007), a participação do professor Monbeigfoi fundamental para formar na jovem geração de geógrafos

a noção do método, relação entre a história e o espaço, o recorte espacial e, sempre, a busca da contextualização do fenômeno geográfico.

450 que é interessante destacar é a jovem geração uspiana de geógrafos geomorfólogos, como Aziz Ab'Saber e João Dias da Silveira, estruturou-se sob forte influência da escola francesa de geografia, com a produção de monografias regionais (Abreu, 1994), onde a questão da interpretação geomorfológica foi fortemente influenciada pelo trabalho de Davis de 1899, intitulado "O Ciclo Geográfico da Erosão", a partir dos trabalhos de Emmanuel de Martonne. (Figura 1).

Figura 1. Fluxograma hipotético sobre o desenvolvimento da Geomorfologia na USP.



[Ampliar Original \(png, 36k\)](#)

Elaboração: VITTE, A.C. - 2008

46A influência na análise geomorfológica de Emanuel de Martonne, associada a proposta metodológica de Pierre Monbeig, (Abreu,1994) acabou favorecendo o desenvolvimento de uma perspectiva metodológica firme para a geografia. Para Monbeig, a análise geográfica deveria produzir monografias regionais, em que delimitação regional era dada a partir da relação entre o natural e o social. Historicamente, este momento, coincide com a expansão cafeeira no sudeste do Brasil, particularmente São Paulo, o processo de industrialização e urbanização de São Paulo e a mudança na órbita regional, particularmente entre o nordeste e o sudeste (Oliveira, 1981; Cano, 1990).

47Aziz Ab'Saber já em 1958, chamava à atenção para a enorme produção da geomorfologia brasileira, fruto da expansão dos cursos de geografia no Brasil e da interiorização do desenvolvimento econômico do país.

48A geomorfologia na USP e na antiga Universidade do Brasil desenvolveu-se a partir de uma leitura secundária do ciclo davisiano. Particularmente na USP, com forte influência do método monbeiguiano, em que também a noção de história e ocupação era importante para delimitar uma região/compartimento, desenvolve-se uma autêntica geomorfologia geográfica.

## Considerações.

49Para lembrar o Mário de Andrade do início desse trabalho, o viajante, que vê com olhos diferentes, é aprendiz e sua mala nunca é a mesma. Essa a melhor figura simbólica para representar Pierre Monbeig, que ao longo de sua vida (1908-1987), como bem retratou Ab'Saber (1994), pautou-se pela seriedade, humildade, curiosidade e rigor científico. Ou seja, um viajante, que nas inúmeras malas que carregou, preencheu-a sempre com novos conteúdos, em um jogo dialético, marcado pela constante transformação ao mesmo tempo em que registrava a transformação.

50Pierre Monbeig, como toda a geração de geógrafos pós-Vidal de La Blache e impactos pelas teses Durkaheimianas, não mais fundamentava sua concepção de geografia a partir da relação Homem-



Natureza, mas sim, a partir da relação Civilização-Natureza, base para a conceituação de complexo geográfico.

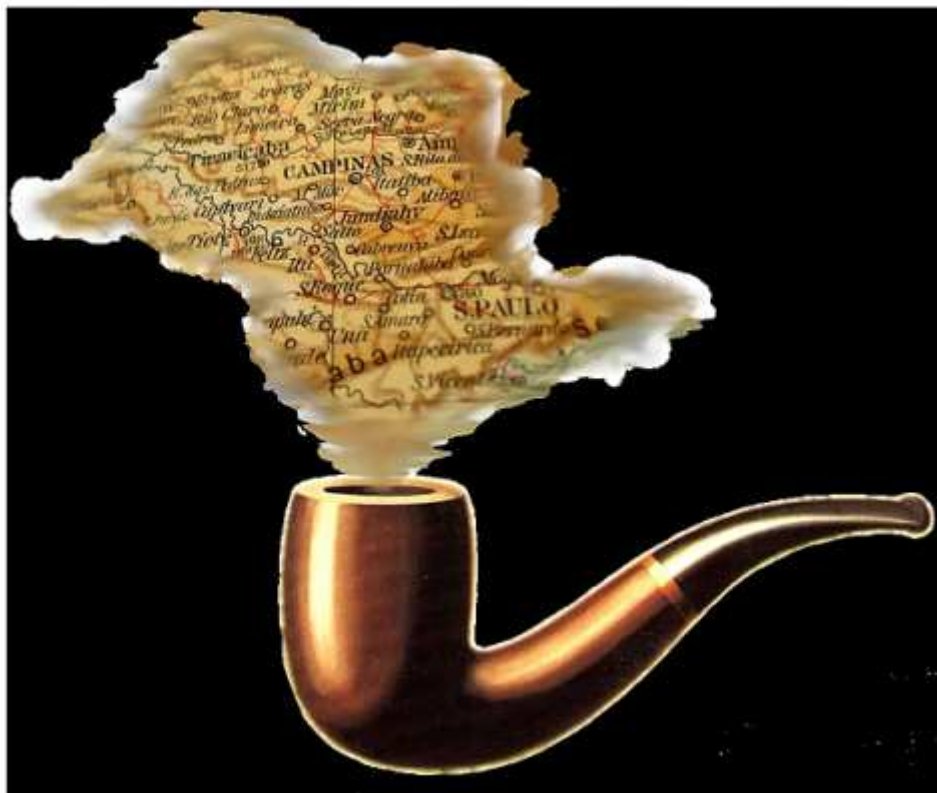
51É justamente um país periférico e em constante transformação como o Brasil das décadas de 30 e 40 obrigará Pierre Monbeig a reconstruir o conceito de o conceito complexo geográfico. Reconstrução que a nosso ver levará a reinvenção dos postulados da geografia francesa, garantidas por um intenso contato interdisciplinar com a história, a antropologia, a sociologia, por exemplo, donde emergirá o papel da geohistória, da fronteira e das técnicas nas transformações do meio natural. A esse constructo articula-se o papel do meio físico, mais propriamente, do relevo na configuração territorial e também na distribuição das culturas materiais.

52As reflexões de Demangeon e de Brunhes, mais o contexto histórico, filosófico e cultural de uma França do entre-guerras, auxiliaram Pierre Monbeig a refletir sobre o sentido do gênero de vida e a história regional em um país periférico e em transformação como o Brasil das décadas de 30 e 40. É a partir da reconstrução do conceito de Complexo Geográfico, marcado pelos princípios da conexão, da complementariedade, da interação e da combinação ao longo do tempo histórico, levará Pierre Monbeig conceber o relevo como a arquitetura desse complexo. A partir de então, a geomorfologia será geográfica se considerarmos que todo e qualquer estudo tem como finalidade a história territorial, ou seja, as ações do homem na superfície da Terra, que será a marca para se pensar a escala do regional.

53É no interior dessa proposta que Aziz Nacib Ab'Saber irá desenvolver a geomorfologia geográfica na USP, marcado pelo seu doutorado de 1957, mas principalmente pelo seu trabalho de 1969, "A Geomorfologia a Serviço das Pesquisas do Quaternário" e pelo desenvolvimento da Teoria dos Redutos Florestais, uma das maiores revoluções na geomorfologia climática mundial. No substrato epistemológico dessa contribuição de Aziz Ab'Saber paira a noção de história territorial, região e complexo geográfico, ricamente construído por Monbeig, assim como foi o caso de Braudel que utilizou esses conceitos em sua obra "Civilização Material, Economia e Capitalismo. Séculos XV e XVIII"(Braudel, 1998).

54Essa posição era sustentada por uma postura ontológica sobre o espaço. Esse primado ontológico do espaço viabilizava a hipótese da unidade da Geografia, donde as espacialidades seriam advindas da transformação da natureza pelo homem, assegurando com isto, um status epistêmico ao saber geográfico.

#### Logotipo monbeigiano



[Ampliar Original \(png, 311k\)](#)

[Topo da página](#)

## Bibliografia

Logotipo dos Encontros internacionais *América latina: geografia, tradições e perspectivas* organizados em 2009, na USP, por Amalia Inés Geraiges de Lemos e Emerson Galvani: a fumaça que sai do cachimbo de Pierre Monbeig – leia-se a herança intelectual que ele nos deixou – continua a definir os contornos do território paulista – leia-se a visão que temos dele.

Abreu A.A.de. (1982)**Análise Geomorfológica: reflexão e aplicação**. São Paulo, Depto. Geografia, FFLCH-USP (Tese de Livre-Docência).

Abreu M.A.(1994) O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. In: CARLOS A.F.A. (org.) **Os Caminhos da reflexão sobre Cidade /Urbano**. São Paulo: Edusp:199-322.

Ab'Sáber A.N. (1958) Meditações em torno da notícia e da crítica na geomorfologia brasileira. **Not. Geomorfológica**, ano 1:1-6.

AB'SABER, Aziz N. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo.**Estudos Avançados**, vol. 8, ano 22, set-dez., 1994.

----- . **O que é ser Geógrafo**. RJ: Bertrand Brasil, 2007.

ANDRADE, Manuel Correia de. A geografia no contexto das ciências sociais em Pernambuco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.22, n.65, outubro, 2007.

ANDRADE, Mário de. **Mário de Andrade Fotógrafo e o Turista Aprendiz**. SP: EDUSP/IEB, 1993.

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras "visões iconográficas"do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, 13 (2), jul/dez, 2005.

----- . Dossiê representações do Brasil: da viagem moderna às coleções fotográficas. **Anais do Museu Paulista**, vol. 13, n. 02, jul-dez, 2005a.

----- . (org.) **Pierre Monbeig e a Geografia Humana Brasileira. A dinâmica da transformação**. SP: FAPESP/EDUSC, 2006.

BRUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo**. SP: Martins Fontes, 1998.

BRUNHES, Jean. e VALLAUX, Camille. **La Géographie de La Paix et de La Guerre sur Terre et sur Mer**. Paris: Alcan, 1921.

BRUNHES, Jean. **La Géographie Humaine: essai de classification positive**.Paris: Alcan, 1910 (edição de 1947).

BUTTNER, Anne. **Society and Milieu in the French Geographic Tradition**.Chicago: Association of American Geographers, serie monography, 1971.

CANDIDO, Antonio. **Parceiros do rio bonito**. SP: Livraria Duas Cidades, 7 ed., 1987.

CANO, Wilson. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**. Campinas: IE-UNICAMP,1990.

CARDOSO, Luciene P. Carris. Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: práticas e iniciativas na consolidação do conhecimento geográfico.**Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**, 26 reunião, julho de 2006, CDF-ROM.

CARVALHO, Marcos Bernardino de. **Da antropogeografia do final do século XIX aos desafios transdisciplinares do final do século XX**. Tese de Doutorado, PUC-SP, 1998.

----- . Geografia e Complexidade. In: DANTAS, Aldo. e GALENO, Alex. (org.)**Geografia: ciência do complexus**. Porto Alegre: Sulina, 2004.p.67-132.

CLAVAL, Paul. **Géographie Humaine et Économique Contemporaine**. Paris: Press Universitaire de France, 1984.

----- . **História da Geografia**. Lisboa, Edições 70, 2006.

DANTAS, Aldo. Monbeig: paisagem e geografia estigmática. **Mercator**, ano 01, n. 02, 2002.

----- . **Pierre Monbeig; um marco da geografia brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

DEMANGEON, Albert. **Problèmes de Géographie Humaine**. Paris: Armand Colin, 1952.

DEMANGEON, Albert. Uma definição de Geografia Humana. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (org.) **Perspectivas da Geografia**. RJ: DIFEL, 1982, p.1-5.

GONÇALVES, José Henrique R. Em torno de uma releitura liberal do mitema bandeirante: Pierre Monbeig e as frentes pioneiras nos anos 30 e 40. Maringá: **Revista de História Regional**, 3(1), 1998, p.37-64.

LIRA, Larissa A. de. O "modelo insular": Ratzel e suas contribuições às idéias de Fernand Braudel sobre as origens do capitalismo. **Revista de Economia Política e Política**. n. 14, agosto de 2008. P. 98-120.

----- . Fernand Braudel e Vidal de La Blache: Geohistória e História da Geografia. **Confins**, n. 2, ano 2, 1 semestre 2008.

Martonne E.de. 1943-1944. Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico I. Rio de Janeiro, **Rev. Bras. Geogr.**, V(4),1943, p.3-26.

Martonne E. Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico II. **Rev. Bras.Geogr.**, 5(4), 1944, 523-550.

MONBEIG, Pierre. **Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira**. SP: DIFEL, 1957.

----- . **Pioneiros e Fazendeiros em São Paulo**. SP:DIFEL, 1986.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro. I- As matrizes clássicas originárias**.SP: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião**. RJ: Paz e Terra,1981.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. A sociologia clandestina de Antonio Candido.**Tempo Social.**, vol.20, no.1, 2008, p.219-237.

**REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS-USP**. Entrevista com Pasquale Petrone. V. 8, ano 22, set-dez, 1994.

**REVISTA GEOSUL**. Entrevista com Aziz Ab'Sber., n.14, ano VII, 1992.

**REVISTA TEORIA E DEBATE**. Entrevista com Manuel Correia de Andrade. SP, n. 45, jul-set, 2000.

SILVEIRA, João Dias da. **Estudo Geográfico dos Contrafortes Ocidentais da Mantiqueira**. SP, FFLCH-USP, Tese de Doutorado, 1947.

SODRÉ, Nelson W. **Introdução à Geografia: geografia e ideologia**. RJ: Vozes, 6 edição, 1987.

VITTE, Antonio Carlos. O texto no contexto da análise geográfica. O caso da tese de doutorado "Estudo Geográfico dos Contrafortes Ocidentais da Mantiqueira", de João Dias da Silveira. **I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**. Rio Claro: UNESP, 1999, p.104-114.

----- . **Geografia e Epistemologia: as transformações paradigmáticas na geomorfologia brasileira (1930-2006)**. SP: FAPESP, Relatório Final, processo 06/01047-7, 2008, 320p.

[Topo da página](#)

Notas

**1** Este texto é produto da pesquisa que desenvolvemos com apoio da FAPESP, processo 06/01047-7, Intitulada "Geografia e Epistemologia: as transformações paradigmáticas na geomorfologia brasileira entre 1930 e 2006".

[Topo da página](#)

## Tabela das ilustrações



Título **Um dos painéis da exposição *Espaços-tempos do Brasil*, organizada na ocasião do Ano da França no Brasil, em 2009**

URL <http://confins.revues.org/docannexe/image/6954/img-1.png>

Arquív  
o image/png, 394k



Título **Exposição organizada na USP na ocasião do centenário do nascimento de Pierre Monbeig**

URL <http://confins.revues.org/docannexe/image/6954/img-2.jpg>

Arquív  
o image/jpeg, 472k



Título **Figura 1. Fluxograma hipotético sobre o desenvolvimento da Geomorfologia na USP.**

Crédito  
s Elaboração: VITTE, A.C. - 2008

URL <http://confins.revues.org/docannexe/image/6954/img-3.png>

Arquív  
o image/png, 36k



Título **Logotipo monbeigiano**

URL <http://confins.revues.org/docannexe/image/6954/img-4.png>

---

Arquiv  
o image/png, 311k

[Topo da página](#)

---

Para citar este artigo

#### **Referência electrónica**

Antonio Carlos Vitte, « Breves considerações sobre o papel de Pierre Monbeig na formação do pensamento geomorfológico uspiano », *Confins* [Online], 11 | 2011, posto online em 27 mars 2011, Consultado o 14 août 2011. URL : <http://confins.revues.org/6954>

[Topo da página](#)

---

Autor

#### **Antonio Carlos Vitte**

Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, IG-UNICAMP. Pesquisador  
CNPq [vitte@uol.com.br](mailto:vitte@uol.com.br)

[Topo da página](#)

---

Direitos de autor